

AQUARELAS*

IV

O FOLHETINISTA

Uma das plantas europeias que dificilmente se tem¹ aclimatado entre nós, é o folhetinista.

Se é defeito de suas propriedades orgânicas, ou da incompatibilidade do clima, não o sei eu. Enuncio apenas a verdade.

Entretanto eu disse – *dificilmente* – o que supõe algum caso de aclimação séria. O que não estiver contido nesta exceção, vê já o leitor que nasceu enfezado e mesquinho de formas.

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno.² De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal.

Espalhado pelo mundo, o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais.³ Se o tem conseguido por toda a parte, não é meu fim estudá-lo; cinjo-me ao nosso círculo apenas.

Mas comecemos por definir a nova entidade literária.

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista.⁴ Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 9, p. 1-2, 30 out. 1859) e ESP2009 (p. 55-58) e MASA (p. 83-86). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda, João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva.

¹ tem] têm – em ESP2009. As duas concordâncias – com o verbo no singular ou no plural – são possíveis.

² O folhetim, que surgiu no final do século XVIII, era originalmente um artigo de crítica teatral publicado em rodapé de jornal. A novidade, criada na França pelo abade Geoffroy, apareceu no *Journal des Débats*, e logo foi adotada por outros periódicos. Com o tempo passou a abordar outros assuntos amenos e de entretenimento. (MOISÉS, 2002, p. 231-232)

³ locais.] locais – em ESP. Há espaço destinado ao ponto (que não foi impresso – em fim de linha).

⁴ Machado de Assis afirmou isso em “A lanterna de Diógenes. Fisiologia do folhetinista.” – texto publicado no *Correio da Tarde*, em 22 de outubro de 1858, assinado com o pseudônimo “?”. Esse texto, que pode ser lido neste número da *Machadiana Eletrônica*, foi localizado recentemente por Fernando Borsato. (Cf. BORSATO, dez. 2019; BORSATO, 2021)

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos⁵ arredados como polos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.⁶

Efeito estranho é este assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; é capital próprio.

O folhetinista, na sociedade⁷ ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

Assim aquinhoado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e as *bas-bleus*⁸ para aplaudi-lo.

Todos o amam, todos o admiram, porque todos têm⁹ interesse em estar de bem com esse arauto amável que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação hebdomadária.

Entretanto apesar dessa atenção pública, apesar de todas as vantagens de sua posição, nem todos os dias são tecidos de ouro para os folhetinistas. Há-os negros, com fios de bronze; à testa deles está o dia... adivinhem? o dia de escrever!

Não parece? pois é verdade puríssima. Passam-se séculos nas horas que o folhetinista gasta à mesa a construir a sua obra.

Não é nada, é o cálculo e o dever que vêm¹⁰ pedir da abstração e da liberdade – um folhetim! Ora quando há matéria e o espírito está disposto, a cousa¹¹ passa-se bem. Mas quando à falta de assunto se une aquela morbidez moral, que se pode definir por um amor ao *far niente*,¹² então é um suplício...

Um suplício sim.¹³ Os olhos negros que saboreiam essas páginas coruscantes de lirismo e de imagens, mal sabem às vezes o que custa escrevê-las.

Para alguns não procede este argumento; porque para alguns há provimento de matéria, certos livros a explorar, certos colegas a empobrecer...

⁵ elementos] elementos, – em ESP2009.

⁶ animal.] aminal. – em ESP.

⁷ sociedade] sociedade, – em MASA.

⁸ *bas-bleus*: mulheres pedantes, com pretensões literárias.

⁹ têm] tem – em ESP. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Morais Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

¹⁰ vêm] vem – em ESP e em MASA. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Morais Silva (1813, p. XLV), dá “vem” como forma plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “vir”.

¹¹ cousa] coisa – em ESP2009 e em MASA. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, nessas duas edições, não serão anotadas.

¹² amor ao *far niente* (expressão italiana): amor ao ócio.

¹³ Um suplício sim.] Um suplício, sim. – em ESP2009 (nesta edição, o editor registra em nota a ausência de vírgula no periódico; e a frase seguinte inicia novo parágrafo).

Esta espécie é uma aberração do verdadeiro folhetinista; exceções desmoralizadoras que nodoam as reputações legítimas.¹⁴

Escritas porém as suas tiras de convenção, a primeira hora depois é consagrada ao prazer de desferrar-se de uma maçada que passou. Naquela noite é fácil encontrá-lo no primeiro teatro ou baile aparecido.

A túnica de Nessus¹⁵ caiu-lhe dos ombros por sete dias.

Como quase todas as cousas deste mundo, o folhetinista degenera também.¹⁶ Algumas das entidades que possuem essa capa, esquecem-se de que o folhetim é um confeito literário sem horizontes vastos, para fazer dele um canal de incenso às reputações firmadas, e invectivas às vocações em flor, e aspirações bem-cabidas.

Constituído assim – *cardeal-diabo*¹⁷ da cúria literária, é inútil dizer que o bom senso e a razão friamente o condenam e votam ao ostracismo moral, ausência de aplausos e de apoio.

Não é este o único abuso que se dá. É costume de outros levantarem o folhetim como a chave de todos os corações, como a foice de todas as reputações indeléveis.

E conseguem...

Na apreciação do folhetinista pelo lado local, temo talvez cair em desagrado negando a afirmativa. Confesso apenas exceções. Em geral o folhetinista aqui é todo parisiense; torce-se a um estilo¹⁸ estranho, e esquece-se nas suas divagações sobre o *boulevard* e *Café Tortoni*,¹⁹ de que estão²⁰ sobre *mac-adam*²¹ lamacento e com uma grossa tenda lírica no meio de um deserto.

¹⁴ legítimas.] legítimas – em ESP.

¹⁵ Nessus] Nesso – em ESP2009; Néssus – em MASA. Preservamos a grafia sem acento, forma latina do nome. Túnica de Nesso: túnica impregnada com uma mistura de sangue e sêmen de Nesso dada por ele a Djanira, depois de ferido mortalmente por Hércules (Hércules), em punição por haver tentado violentá-la. O centauro (Nesso) confiou a ela o segredo de que aquela peça de roupa faria seu marido voltar a ser fiel a ela em caso de traição. Ela fez isso, e Hércules morreu ao arrancar de si a túnica que se lhe colara ao corpo.

¹⁶ também.] também – em ESP.

¹⁷ Massaud Moisés (1967, p. 26, nota de rodapé) esclarece a expressão na seguinte nota: “*Cardeal-diabo* – O mesmo que *advogado do Diabo*. Vejamos o seu procedimento: ‘Introduzida a causa, examinam-se as peças do processo, e faz-se um inquérito sobre a sua validade. Propõe-se uma primeira dúvida que é: Consta das virtudes praticadas em grau heroico? Esta dúvida é discutida na *Congregação antepreparatória*, em presença do Cardeal que propõe a dúvida, e depois numa congregação preparatória em presença da Congregação dos Ritos, e finalmente numa Congregação geral em presença do Papa.’”

¹⁸ torce-se a um estilo] torce-se um estilo – em MASA.

¹⁹ *Café Tortoni*: “Na época, um dos mais conhecidos ‘cafés’ de Paris, situado no Boulevard des Italiens.” (FARIA, 2009, p. 58, nota 5)

²⁰ estão] está – em ESP2009 (nessa edição, a “correção” foi registrada em nota). Machado de Assis realizou a concordância do verbo com a ideia de muitos folhetinistas, subentendida na espécie “folhetinista”. Trata-se, em nosso entendimento, de um caso de silepse, ou anacolúcia.

²¹ *mac-adam*: “caminho ou estrada feita com pedra britada, que regada, e calcada com o rolo ou cilindro se calcina, e se forma em um corpo”. A palavra origina-se do nome de John London Mac Adam (1758-1836), engenheiro inglês que inventou esse processo de calçamento. Em português, a palavra, com a grafia “macadam” (hoje “macadame”), foi dicionarizada em 1858, na sexta edição do *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva. Preservamos a grafia e o itálico empregados por Machado de Assis.

Alguns vão até Paris estudar a parte fisiológica dos colegas de lá; é inútil dizer que degeneram²² no físico como no moral.

Força é dizê-lo;²³ a cor nacional, em raríssimas exceções tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.²⁴

Entretanto como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa.

M-as.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

Referências

ASSIS, Machado de. Aquarelas IV. O folhetinista. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 1-2, 30 out. 1859. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700037&pagfis=101>>.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

ASSIS, Machado de. *O Espelho: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*.

Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

²² degeneram] degeneraram – em ESP2009.

²³ dizê-lo;] dizê-lo: – em ESP2009 e em MASA.

²⁴ Machado de Assis, ele próprio, foi o principal responsável pela aclimação do “folhetim”, que assumiria o nome de “crônica”, no Brasil.

BORSATO, Fernando. Ponto de interrogação: pseudônimo desconhecido e texto inédito de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 12, n. 28, p. 55-72, dez. 2019.

BORSATO, Fernando. *As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. [Tese de doutorado]

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. Ver ASSIS, 1967.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Tipografia de Antônio José da Rocha, 1858. 2t.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.